

“ODOR DE ROSAS”: família, cidade, trabalho e memória da PHEBO em Belém¹

Fernanda Valli Nummer, UFPA/PA²

Começamos por essa nota muito simples segundo a qual as recordações são, por assim dizer, narrativas e que as narrativas são necessariamente seletivas. (RICOUER, 2007, p.7)

Resumo

Essa é a primeira parte de um projeto que pretende resgatar a memória da empresa PHEBO na cidade Belém, no bairro do Reduto a partir de entrevistas apoiadas em suportes de memória, com pessoas que tiveram suas vidas indiretamente relacionadas à referida fábrica. O objetivo deste trabalho é reconstruir a origem da fábrica e do parentesco dos portugueses que chegaram à Amazônia nos anos 30 do século XX em busca de trabalho numa fábrica de chapéus artesanais e de tabaco. O Sr. João da Silva Santiago é o ego desta relação foi o primeiro a chegar a Belém, era tio de Sr. Antônio da Silva Santiago e pai de Sr. Mário da Gouveia Santiago e Sr. Silvio Gouveia Santiago, estes três últimos conhecidos por fundar a PHEBO. Sobre a empresa, o Sr. Silvio Gouveia Santiago não ficou muito tempo, voltou logo a Portugal, não casou nem teve herdeiros. O Sr. Antônio da Silva Santiago foi pai de três mulheres e o Sr. Mário da Gouveia Santiago de cinco mulheres. Estas mulheres, uma filha de Sr. Antônio, e três do Sr. Mário são fontes do estudo das dinâmicas das redes familiares que se construíram em torno da fábrica enquanto referência de uma base identitária da classe alta de Belém. A fábrica aparece na memória destas mulheres como fonte de renda, já que seus maridos é que trabalhavam na fábrica, a exceção de D. Sônia que morou com a família em São Paulo e teve um papel significativo na gerencia da filial de lá. De início, buscávamos uma “memória transgeracional”, Halbwachs (1990), pois as primas têm uma diferença de idade, cerca de 10 anos, e vieram para o Brasil em momentos diferentes de desenvolvimento da fábrica e certa “memória compartilhada” Ricoeur (2007), o que não aconteceu até o momento. Nossa hipótese principal é a de que ser filha do “dono” da PHEBO lhes trazia *status*, mas que os assuntos da empresa eram assuntos “dos homens”.

Palavras-chave: memória, família, empresa

¹ Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF”.

² Agradeço as contribuições na leitura dos dados de Dra. Maria Cristina Caminha Castilhos França e Dra. Mônica Prates Conrado.

Abstract

This is the first part of a project that aims to rescue the memory of the company PHEBO in the city of Belém, in the neighborhood of Reduto, based on interviews supported by memory holders, with people who had their lives indirectly related to the factory. The objective of this work is to reconstruct the origin of the factory and of the kinship of the Portuguese who arrived in the Amazon in the 1930s in search of work in a factory of handmade hats and tobacco. Mr. João da Silva Santiago, who is the ego of this relationship, was the first to arrive in Belém. He was the uncle of Mr. Antônio da Silva Santiago and father of Mr. Mário Gouveia Santiago and Mr. Silvio Gouveia Santiago, the last three are known for having founded PHEBO. About the company, Mr. Silvio Gouveia Santiago did not stay long, he soon returned to Portugal, he did not marry nor had heirs. Mr. Antônio da Silva Santiago was the father of three women and Mr. Mário da Gouveia Santiago was the father of five women. These women, one daughter of Mr. Antonio, and three of Mr. Mário are sources of the study of the dynamics of the family networks that were built around the factory as reference of a base identity of the upper class of Belém. The factory appears in the memory of these women as a source of income, since their husbands worked there, except for Ms. Sônia who lived with her family in São Paulo and played a significant role in managing the branch there. At first, we were looking for a "transgenerational memory", Halbwachs (1990), because the cousins have a difference of age of about 10 years, and came to Brazil at different times of development of the factory, and a certain "shared memory" Ricoeur (2007), which has not happened so far. Our main hypothesis is that being the daughter of the 'owner' of PHEBO brought them status, but that the company affairs were "men's affairs."

Key words: **memory, family, company**

A PESQUISA

“ODOR DE ROSAS”: família, cidade, trabalho e memória da PHEBO em Belém é um grande projeto que tem o objetivo de conhecer a materialidade e a subjetividade do significado de uma fábrica que ainda existe no centro de uma grande cidade. Analisar em várias etapas da pesquisa, noções de trabalho e memória nas narrativas da família dos fundadores e de trabalhadores da empresa. Escolheu-se a fábrica PHEBO, na cidade de

Belém, pois esta é parte inerente da história das famílias dos paraenses e de muitos brasileiros.

Neste texto vamos narrar através das memórias das filhas dos primos portugueses Sr. Antônio e Sr. Mario Santiago que migraram de Portugal na metade dos anos 20 do século XX, para atuarem no comércio de cigarros e chapéus em Belém de propriedade do Sr. João da Silva Santiago e seus sócios portugueses. O Sr. João recebeu como pagamento de uma dívida de sua empresa de chapéus, a Perfumaria Lusitânea que com seu sobrinho Sr. Antônio Santiago e seus filhos Sr. Mário Gouveia Santiago e Sr. Silvio Gouveia Santiago temos o protagonismo da empresa PHEBO em Belém.

Sr. Mário Gouveia Santiago



Fonte: Acervo pessoal Sra. Sônia Santiago

Sr. Antônio Santiago



Fonte Acervo pessoal Sra Graça Maués

Os conceitos de memória que guiaram os estudos até o momento buscaram compreender as relações dos jogos da memória, tendo como fios condutores as noções de “memória transgeracional” em Halbwachs (1990) e “memória compartilhada” em Ricoeur (2007), acionadas nas formas narrativas construídas em torno do significado da empresa e dos tempos ordenados da memória familiar.

O período da pesquisa é da criação da empresa em 1930 até 1988, pois em neste período a PHEBO foi vendida a multinacional Procter & Gamble e passou a adotar modelos das multinacionais absorvendo a cultura da “farmácia” - venda de remédios e produtos de higiene no mesmo local, produtos de higiene pessoal de preço mais acessível - e seus sabonetes passaram a ser formulados com base vegetal. Hoje dentro de uma tendência mundial de um retorno a valorização a marcas tradicionais de qualidade, a PHEBO faz parte da Granado Farmácias® com sede no Rio de Janeiro e com lojas na

Europa, tem uma ampla linha de produtos: sabonetes, desodorantes, hidratantes, colônias, perfumes, velas perfumadas, difusores de ambiente e maquiagem.

Escolheu-se a fábrica PHEBO, na cidade de Belém, pois esta é parte inerente da história das famílias dos paraenses e de muitos brasileiros e há pouca bibliografia que narre como se desenvolveu as organizações sociais de Belém a partir das relações criativas dos agentes sociais com o mundo do trabalho. Especialmente com os estrangeiros que chegavam à cidade transformada pelas grandes exportações de borracha, porém não manifestadas na melhoria da infraestrutura urbana da cidade. Segundo Sarges (2000) Belém se tornou grandes centros nacionais, importadoras de cultura, arquitetura, moda e hábitos europeus e isso deve ter influenciado os primos Santiago na busca de se alinhar aos padrões europeus de civilização com a criação do primeiro sabonete de padrão internacional. Porém devem ter sido muitas as dificuldades para transportar o produto: vinham de barcos; vendê-lo, tendo em vista que custavam muito mais caros que o sabão em barra, industrial e utilizado para todos os fins.

Essas histórias da empresa são de ampla divulgação nos sites e no vídeo que buscam retratar a história da empresa: Baldini (1914)³; MUNDO DAS MARCAS (2006)⁴; HISTÓRIA DA PHEBO (2013)⁵.

Meu primeiro contato com a família Santiago foi com a Sra. Graça filha da Sra. Maria Albertina por Facebook e com sua filha Hanna Maues, neta da Sra. Odete. A relação entre a família não é muito próxima, os diálogos se desenvolveram individualmente na casa da Sra. Odete, no bairro do Marco e na casa da Sra. Sônia, no bairro Nazaré, porém muitas conversas informações pontuais foram repassadas pelo Messenger app store e pelo WhatsApp. D. Odete quem solicitou que Sra. Laudicéia também fosse entrevistada neste momento “pois ela lembrava mais coisas da empresa”. O “suporte de memórias” utilizado nas entrevistas foi o sabonete “odor de rosas” e a minha história pessoal e familiar com produto.

³<https://www.youtube.com/watch?v=6ffnhusJg5w>

⁴ <http://mundodasmarcas.blogspot.com/2006/10/phebo-odor-inconfundvel.html>;

⁵ <http://historiaphebo.blogspot.com/>

A PHEBO

Com o objetivo de criar uma perfumaria de alta qualidade com fragrâncias marcantes e originais, baseadas nos modelos ingleses e franceses:

“A idéia seria utilizar o modelo do sabonete inglês, mas com um toque regional. Depois de muita pesquisa e testes, veio à idéia de produzir o sabonete à base de pau-rosa, que era uma matéria-prima oriunda da Amazônia e muito utilizada na época. Esse sabonete acabaria sendo o principal produto da empresa, cujo nome era “Sabonete Phebo Odor de Rosas”. (CHIACCHIO, 2009, p.10).⁶

Assim, pesquisando essências da região, o pau-rosa da Amazônia foi misturado com o sândalo, cravo da Índia e canela de Madagascar, entre outras. Nasceu assim o “Odor de Rosas”, o primeiro sabonete, na década de 1930, em Belém, com padrão internacional de perfumaria do mercado brasileiro.

Layout de embalagem mais popular do sabonete Odor de Rosas



Fonte: Acervo pessoal Sra. Sônia Santiago

No final da década de 1950, a empresa consegue atingir os mercados consumidores de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Rio Grande do Sul. O sabonete PHEBO Odor de Rosas e a Seiva de Alfazema fazem parte da memória de muitos brasileiros.

Considerados os melhores produtos de perfumaria na época, durante muitos anos a PHEBO faz parte da economia local. Localizada no bairro Reduto, a fábrica é um símbolo emblemático de uma Belém próspera. O Reduto era conhecido como “bairro operário”, por ter abrigado grande número de indústrias, porém, atualmente, a PHEBO é uma das poucas indústrias que continuam em funcionamento. Na paisagem da capital paraense, o bairro é um dos mais antigos, de múltiplos atrativos econômicos e culturais e foco de análise privilegiada da relação entre a modernidade e a manutenção de traços históricos do desenvolvimento da cidade.

⁶ O trabalho de CHIACCHIO (2009) é um estudo sobre o desenvolvimento econômico da empresa.

A década de 1960 a fábrica abriu sua filial em São Paulo e o Sr. Mário Santiago mudou-se para lá com sua família para gerenciá-la. O Sr. Antônio Santiago ficou gerenciando a fábrica de Belém e Sr. Sílvio Santiago já retornara a Portugal e havia se desligado das empresas nos anos 40.

FAMÍLIA SANTIAGO

Esta primeira parte da pesquisa busca conhecer a identidade e as trajetórias transgeracionais das três famílias fundadoras da empresa. São dimensões constitutivas desse quadro: as relações sócio econômicas com a empresa, os arranjos familiares, os desenvolvimentos das unidades domésticas e as solidariedades intrageracionais ligadas a empresa. Ao analisar o perfil destas famílias em Belém, os pesquisadores partem do pressuposto já claro nas ciências sociais de que

A dissolução do “antigo regime” das sociedades européias, caracterizado essencialmente por estamentos de *status* atribuído, cedeu lugar a uma nova configuração em que possibilidades relativas de aquisição de novos *status* se impunha como uma dimensão ideológica importante. Entre as batalhas ideológicas que se levantaram às “revoluções”, por um lado, e a complexidade dos sistemas de classificação social delas emergentes, por outro, prevaleceu uma nítida classificação triádica: a oposição entre as “elites” e o “povo”, entrecortada pela gente “do meio (remediados, *middlings*, classes, ou camadas médias). (DUARTE, GOMES, 2008, p.17,18).

Os primos portugueses que desembarcaram em Belém entre as décadas de 1920 e 1930 chegam à capital paraense e procuram um produto que se atende o aburguesamento da classe abastada no final do século XIX e início do século XX. Período em que Sarges (2000, p. 35) descreveu como modelo de urbanismo vigente na Europa, em especial na França que o intendente Antonio Lemos trouxe a Belém como “brilho da Belle Époque que pretendia transformar Belém em uma pequena reprodução da cidade europeia”.

As entrevistadas até o momento foram a Sra. Odete única filha viva do Sr. Antônio, o primeiro fundador da empresa a chegar a Belém, Sra. Sônia única filha de Sr. Mário Santiago, que mora em Belém, a outra filha viva, Sra. Maria Cristina, mora em São Paulo e com a Sra. Laudicéia que era gerente da empresa em São Paulo e casada com o ex marido de uma das filhas do Sr. Antônio, Sra. Maria Albertina, mãe de Sra Graça, nosso primeiro contato.

Na primeira entrevista com Sra. Odete, ela narrou o arranjo familiar e a relação deste arranjo com a empresa:

Meu pai teve 3 filhas mulheres, as 3 Marias: Maria Odete, Maria Umbelina e Maria Albertina [...] o Mário teve 5: Maria Laurentina, Sônia Maria, Maria Evangelina, Cristina e Silvia Maria. Todos os maridos viravam gerentes da PHEBO só o da Maria Umbelina que não era [...] era médico. O Sílvio? Voltou logo para Portugal [...] não casou e não teve filhos. (Sra. Odete, 13/05/18, entrevista).

Em 16 de outubro eu perguntei para a Sra. Odete o nome de seu avô, e se foi ele quem trouxe o seu pai para o Brasil e quem era Simão da Silva Santiago, pois a Sra. Sônia me enviou uma árvore genealógica que ela conseguiu em Portugal e Sr. Simão seria bisavô de Sra. Odete. Ela me mandou a seguinte mensagem:

Meu avô não tinha nada com a Phebo nem esse Simão. A Phebo começou só com 2 pessoas Meu pai Antonio Santiago e Mário Santiago meu Primo. Se aparecer alguém e mentira (sic). (Sra. Odete, 16/10/18, por WhatsApp).

Percebe-se nessa fala da Sra. Odete que o nome do Sr. Sílvio já não está mais presente nas falas.

Na entrevista com Sra. Laudicéia Sr. Silvio aparece de outra forma:

Sílvio era irmão do Mário, ele ajudou a fundar a empresa e foi embora para Portugal (Sra. Laudicéia, 06/04/18, entrevista).

Olá Fernanda, eu não encontrei. Na verdade ele nunca apareceu na historiada empresa pq retornou á Portugal tão logo teve início o funcionamento da fábrica[...] Veio talvez por influência do irmão (Mário e como não se adaptou ao clima daqui, pois tinha saúde frágil desde novo, decidiu voltar. Meu marido [ex-marido da Sra. Maria Albertina Filha do Sr. Antonio Santiago] conta que ele se sentia melhor a beira mar e q por isso passava longas temporadas hospedado numa estalagem de frente p a praia do farol da Barra em Aveiro [...] sei que faleceu muito novo (sic).(Sra.. Laudicéia, 31/10/18, WhatsApp).

Percebe-se nesse trecho sobre a presença ou não do Sr. Sílvio na fundação da fábrica, que as filhas dos fundadores não têm uma memória compartilhada, talvez pela diferença de idade que tinham quando desta fundação, talvez por umas por terem ficado em Belém guardaram na memória com mais facilidade esses elementos da origem da

empresa, que era acionado periodicamente pela imprensa, e outras como foram para São Paulo podem ter selecionado na memória evocações ligadas à fábrica de São Paulo, pois se mudaram para lá ainda crianças.

Cada uma está ligada em transformar a memória de seu pai naquele que superou as dificuldades de trabalho do Estado Novo do governo Salazar em Portugal e fizeram fortuna no Brasil superando a criação da Souza Cruz, empresa de cigarros já enrolados em papel criada por um imigrante português Albino Souza Cruz, em 1903 que em 1931 atinge seu auge com o cigarro Hollywood, o que diminuiu as vendas na Tabacaria mantida pela família, além da despopularização do uso de chapéus que também faliu com a chapelaria da família. D. Odete resguarda a criatividade de seu pai:

Meu pai era autodidata, fez a saboaria nos fundos de casa[...] a casa ficava no beco do Mijo. (Sra. Odete, 13/03/18, entrevista).

Sra. Graça reforça a criatividade do avô na busca pelo nome perfeito para a empresa:

[...] Esta foto é do meu avô Antônio Leal Gomes da Silva Santiago. O Sócio perfumista que fez o sabonete Phebo, assim chamado porque meu avô lia o livro Os Luzíades e lá existe algo que menciona o deus do sol Phebo. (Sra. Graça, 18/0318, Whats App).

Sra. Sônia lembra que as prensas para os produtos e para as embalagens eram criadas pelos fundadores

[...] o primeiro tipo de sabonete eram igual aqueles de hotel, porque eles criavam tudo. (Sra. Sônia, 15/04/18, entrevista).

Aqui vemos o que Piscitelli (2006) em seu estudo relações entre gênero e parentesco em histórias de famílias que controlam grupos empresariais de capital nacional, chamou de “virilização das qualidades dos fundadores”.

Questionadas sobre a venda da Phebo para a Procter & Gamble Company em 1988 e a perda total do controle acionário pela família já na segunda geração, a Sra. Odete prefere “não falar do assunto”, pois afirma não entender de questões financeiras, mas reforça que seu pai “trabalhou na Phebo até morrer”, Sra. Laudicéia afirma que “a questão está na terceira geração que queria apenas ocupar cargos de gestão e eram em muitos filhos o que ocasionava brigas entre cunhadas e cunhados”, Sra. Sônia me pediu alguns meses

para pensar e em 08/10/18 me respondeu que “como o Sr. Mário era o maior acionista individual e estava muito doente coube a ela chamar a secretaria executiva e pedir que providenciassem o contato com Procter & Gamble Company, multinacional para começarmos a negociação do controle acionário da Perfumaria Phebo S/A. Este era o desejo dos acionistas”. Na entrevista do dia 15/04/18 a Sra. Sônia narrou que o Sr. Mário faleceu 5h após a venda da fábrica.

Percebe-se que o esquecimento referente ao fim do controle acionário da empresa tem “igualmente um polo ativo ligado ao processo de rememoração, essa busca para reencontrar as memórias perdidas, que, embora tornadas indisponíveis, não estão realmente desaparecidas” (RICOUER, 2007, p. 9).

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Para Duarte e Gomes (2008), que estudaram as trajetórias transgeracionais e identidade, elas podem dar condições de diferenciação na reprodução social de algum membro familiar, no sentido de individuação ou autoafirmação tanto no sentido da distinção quanto da reprodução. O desenraizamento da tradição familiar pode provocar caminhos que levem o indivíduo a reprodução ou a diferenciação. A solidariedade e correção moral, ligadas a gerações passadas podem expressar-se em tensões e conflitos familiares atuais. O que ainda falta percebermos é como e o porquê estas relações criaram conflitos entre as famílias dos fundadores, embora todas afirmem que “não há conflitos, apenas não são próximas”, vinte anos depois da venda da fábrica. Por que a Família Santiago não criou uma relação e uma solidariedade de família que as una como família extensa propiciada pela ligação que tiveram com uma das maiores empresas de perfumaria do país? Por que ao contrário, netos parecem ter criado em desenraizamento com a empresa? Por que seus processos de individualização levaram a uma autonomia de cada família? A criação das filiais em estados diferentes, os modelos de gestão, o perfil dos funcionários, o fato da família de Sr. Antônio ser composta em sua maioria por portugueses, estas são possíveis respostas que precisam ser investigadas. A sucessão da gestão em relação ao parentesco, tendo em vista que as herdeiras diretas eram todas mulheres e os gestores não eram familiares consanguíneos parece ter sido um elemento crucial na sucessão e manutenção da diretoria acionária desta empresa. Como Piscitelli (2006) destacou, que a questão de herdeiros e sucessores nas empresas de capital nacional, a PHEBO parece ter sofrido com a falta de herdeiros homens e com muitos sucessores,

mas nenhum reconhecido como apto pelo maior acionista individual, Sr. Mário, quando da venda em 1988.

Estas mulheres entrevistadas têm características e condições de vida de classe alta em Belém: a Sra. Odete mora em um prédio onde cada apartamento é amplo e viaja para a Europa frequentemente. Nem ela nem suas irmãs nunca trabalharam na fábrica em Belém. D. Sônia casou pela segunda vez com um paraense e se mudou para Belém, mora em um amplo apartamento na cidade e viaja para os Estados Unidos todos os anos. Ela foi a única filha, das 8 (oito), que trabalhou com seu pai na fábrica de São Paulo.

Como as primas têm uma grande diferença de idade, a Sra. Odete e a Sra. Sônia têm quase 10 anos de diferença de idade. Sra. Odete tem 85 anos e Sra. Sônia 76, esperava-se que fosse possível construir uma memória transgeracional, aquela que só existe no indivíduo por que faz parte de um grupo (HALBWACHS, 1990) e uma memória compartilhada, aquela que está nas relações dos sentimentos dos grupos considerados distantes e diferenciados, mas compartilhados em suas mudanças na conjuntura histórica (RICOUER, 2007) das mudanças pelas quais passou a empresa, com suas diferentes filiais em Belém, em São Paulo e na Bahia e modelos de gestão. Assim, esses conceitos precisam ser revistos, também pelos processos de individualização pelos quais as famílias passaram. Até esta etapa da pesquisa, os conflitos familiares latentes e as diferenças de memória sobre a fundação da empresa estão ocupando o maior tempo de pesquisa.

Os relatos que foram feitos neste texto sobre os fundadores, sobre a história da família, e sobre a empresa só foram possíveis pelas memórias das personagens retratadas aqui. As falas nem sempre foram literais, pois nas entrevistas não foi utilizado o gravador ou por solicitação delas ou por decisão da pesquisadora.

REFERÊNCIAS

CHIACCHIO, Marcílio Alves. Indústria na Amazônia: A história da Perfumarias Phebo S/A em Belém –PA. **Anais VIII Congresso Brasileiro de História Econômica e 9ª Conferência Internacional de História de Empresas**, Campinas/2009. Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica. São Paulo: USP, 2009.

DUARTE, Luis Fernando Dias; GOMES, Edlaine de Campos. **Três famílias: identidades e trajetórias transgeracionais nas classes populares**. Rio de Janeiro: FGV, FINEP, CNPq, 2008.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

PISCITELLI, Adriana. **Jóias de Família: gênero e parentesco em histórias sobre grupos empresariais brasileiros**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Unicamp, 2007.

SARGES, Maria de Nazaré. **Belém: riquezas produzindo a belle époque: 1870-1912**.
Belém: Paka-Tatu, 2000.